





## UMA NOVA OFENSIVA CONTRA A RÚSSIA DOS SOVIETS

A Conferencia Internacional de Amsterdam já nos disse no mês de Fevereiro: «O Capital mundial prepara uma nova ofensiva contra a Rússia dos soviets. Por traz das negociações da paz e do reatamento das relações comerciais oculta-se o ataque traiçoeiro.»

Hoje, esta ofensiva começou já no Oriente. O Japão tendo concentrado um grande exercito, abriu a campanha. O seu governo fez saber, pela imprensa internacional burguesa, que a sua força militar é suficiente para pôder aquietar os reforços em marcha para o exercito vermelho.

Ao mesmo tempo, a Polónia prepara-se para desencadear uma luta terrível. Os seus exercitos já efectuaram um movimento de avanço sobre o Leste. As condições de paz oferecidas pelo seu governo, depois de prévia consulta à Entente, são como todos veem absolutamente inaceitáveis. Continuamente são enviadas para a Polónia novas remessas de material de guerra pela França e pela America.

O ministro dos negócios estrangeiros da Finlândia celebra conciliabulos em Londres; é a Finlândia a quem está destinada a honra de atacar Petrogrado, enquanto os Polacos marcham sobre Moscovo e Petlivura sobre Kjend.

O golpe militar da Alemanha deve ser considerado como um dos elementos da ofensiva geral. As relações dos diplomatas ingleses com Kapp, não foram ainda bem esclarecidas. A Entente não insiste no desarmamento do partido dos junkers, mas ajuda a desarmar os operários. Já a quadrilha dos bandoleiros militares alemães prepara novo golpe de Estado, enquanto a Austria e a Hungria fazem preparativos para um ataque contra a Rússia, que servirá de prelude à restauração monarchica. Os agentes da Entente já prometeram à Hungria uma recompensa pelos serviços que prestar contra os bolcheniks.

### É PRECISO FECHAR OS OLHOS PARA ACRE- DITAR NA PAZ.

Proletarios, está em perigo neste momento a sorte do mundo, joga-se o seu destino, pela liberdade ou pela escravidão.

A alta finança sofreu um primeiro revés contra a Rússia dos soviets, esta nova tentativa ultrapassará as outras em força brutal e em crueldade.

O ponto fraco para a Capital, é o estado de espirito revolucionario das novas camadas polacas. Delixar-se não éles conduzir à morte pelos seus exploradores? Certamente que não, se o proletariado da Alemanha lhes der apoio. Eis a razão porque se procura consolidar a reacção alemã, sob o governo Erbert-Nosk, se for possível, ou às ordens de Kapp-Ludendorff se for necessario. É esta reacção que ha de salvar a ditadura militar na Polónia e servir de reserva para um segundo ataque se o primeiro fracassar perante a coragem indomável dos nossos camaradas russos.

Por isso a França manda ocupar as cidades alemãs pelas suas tropas negras. A Alemanha será empregada, em caso de necessidade, em fazer o officio de carrasco, mas a França não larga a preza e os operários do Ruhr estão em perigo constante pela aventura polaca.

No entretanto, a comédia das negociações prosegue em Bri-

son, os melhores chefes russos do movimento económico são enviados ao Oriente. Nomeiam-se «comissões de inquérito», isto é, de espionagem.

Proletarios, tudo isto é tão monstruoso que chega a parecer inacreditável.

### MAS A OFENSIVA JÁ COMEÇOU.

Devia começar no Oriente, para que um forte exercito japonês consiga desviar os exercitos russos do front occidental. Brevemente, um grande clamor se ha de levantar na imprensa da burguesia: os russos hão de ser acusados de atacar a Polónia e a Finlândia. Já a Inglaterra prometeu, em tal caso, auxilio e apoio a todos estes Estados fronteiros.

Estes últimos cincoenta anos não nos ensinaram ainda nada? Ainda acreditamos cegamente nas grosseiras mentiras dos nossos inimigos? Não compreendeis ainda, operários, que a Rússia dos soviets, a Rússia dos operários e dos camponeses quer viver em paz e faz todos os esforços possíveis para a conseguir?

O proletariado mundial deve mostrar hoje que quer opôr-se a este crime.

O bureau auxiliar de Amsterdam da Internacional Comunista dirige um apelo a todos os operários, em primeiro lugar aos dos transportes, para boycotar os navios e as mercadorias para o Japão, ou que de lá venham, durante o tempo em que se mantiver a sua intervenção na Sibéria.

Que nenhum operário consciente toque em qualquer mercadoria, seja porque forma fôr, destinada ao Japão ou de lá oriunda.

Operários japonezes! é a vós que nos dirigimos em primeiro lugar. Mas também os operários americanos, ingleses, holandeses, scandinavos, francezes podem vir em auxilio dos seus irmãos russos.

Uma tal acção provará aos governantes que os operários estão prevenidos e prontos a entrar na luta. Mas não basta isto.

Já apelamos para uma greve de protesto internacional contra a intervenção na Rússia, para o 1.º de Maio.

Esta greve de protesto deverá ser seguida por greves de coacção. O capital não recuará diante da força, pois que a sua existência está hoje em jogo, bem como a de milhões de operários.

No seu odio contra a Rússia dos soviets, todos os governos capitalistas se concentram em accordo fraterno. Lloyd George pode fazer um gesto de pacificador, isso não impede que a Inglaterra esteja à testa da reacção mundial. Por isso os operários ingleses terão uma tarefa a realizar nesta luta gigantesca.

Proletarios, preparai-vos para responder pela greve geral ao ataque contra a Rússia dos soviets.

Que a ofensiva combinada — polaca — franceza — americana — finlandeza — inglesa — húngara — romaica — japoneza seja o sinal dum movimento geral do proletariado, um movimento que tenha como fim salvar não só a Rússia, mas o mundo inteiro do inferno capitalista e inaugurar a sociedade nova, edificada pelo trabalho e para o trabalho.

Pelo «bureau» auxiliar de Amsterdam da Internacional Comunista:

D. J. WYNKOOP  
HENRIETTE ROLAND HOLST  
S. J. RUTGERS

## “AGITADORES”

A modernissima policia de segurança do Tacho — corporação que, como as outras do mesmo estilo, é constituída por cavalheiros que muito republicana e democraticamente deram um tiro no trabalho — preocupa-se, agora, sobremaneira, em deitar os gatários aos indivíduos conscientes que a fanfardagem burguesa e jacobina, mais a canzoada que pontifica na imprensa mercantilista apodou de «agitadores».

Ainda não há muito tempo, os mesmos parlapeiros, imitando fumaças de sabões em línguas vivas, aprendidas à la diable por essas escolas onde tinha lugar de destaque a tradicionalissima carilha do padre Inácio, chamavam aos «agitadores» de agora, uns refinados meneurs. Ora, com franqueza, para se abandonar o francesismo e adoptar-se o português de lei, é porque houve alguma coisa que imperou nos gostos, ou no intimo, de tão esclarecidos cavalheiros.

Como sou dotado de alguma paciência, tive a veleidade de procurar as razões que levaram os caluniadores de ontem a transformar-se nos linguistas-acanhados de hoje. E verifico, pouco mais ou menos, o seguinte: — durante a guerra, o número dos ricos, dos parasitas, aumentou consideravelmente; e com esse aumento vieram à tona de água os pruridos do patriotismo. De modo que os novos ricos, observando que a sua linhagem de nobreza provinha do meio das ceiras de figos, dos atados de bacalhau ou dos sacos de feijão, exigiram que se desse a essas criaturas o qualificativo genuinamente português... para evitar confusões. Francesismos só os querem para eles e mais para as suas madamas, cuja origem de nobreza também se pode encontrar nas canastras da sardinha ou nos açafates dos grelos... E aqui está como de meneur se passou a «agitador», que a tal policia de segurança do Tacho catrifica sem dó nem piedade.

Mas, afinal, porque é que se exerce tanta perseguição contra os chamados «agitadores»? Porque é que se lhes dá caça como se fossem feras? Que quer o «agitador», essa figura sinistra que tanto incomoda os bem jantados e tanto trabalho (?) dá aos tachos da policia? Quer ser rico? Não. Quer roubar? Não. Quer explorar as populações famintas e miseráveis? Não. Quer vender gêneros pôdres com o rótulo de mais pura mer-

### VIOLENCIAS EM BEJA

A União dos Sindicatos de Beja resolveu realizar no dia 26 de Abril passado uma manifestação de todos os oprimidos com representantes de todos os sindicatos os quais se propunham protestar perante o governador civil contra as afrontas e a tirania que o Baptistinha está exercendo contra os organismos operários.

As autoridades proibiram a manifestação e como um joven inutilizasse um edital do Administrador do concelho foi o necessário pretexto para a guarda pretoriana espancar todo o povo que encontrou nas ruas julgando que com estas arbitrariedades que atemoriza o povo.

O futuro é dos produtores. O ideal anarquista triunfará num dia que não pode demorar e só então terminarão as tiranias dos imbecis e ignorantes contra aqueles que tudo produzem e nada possuem.

A COMUNA protesta contra as arbitrariedades das autoridades de Beja e de todo o país onde jazem camaradas nas prisões e por este meio afirma a sua solidariedade às vítimas do capital.

cadoria? Não. Quer matar o seu semelhante para se lhe apoderar das riquezas? Não. Quer ser saltador da Bolsa? Não. Quer metralhar o povo que reclama pão? Não. Quer oprimir, tyrannizar os seus irmãos? Não. Quer suprimir a liberdade de pensamento, de reunião e de associação? Não. Quer, como o padre, o politico e o governo, viver à custa de quem trabalha utilmente? Não. Então, ¿que é que ele quer? — Quer transformar o meio em que vive, para que todos tenham o pão assegurado. Quer que todos os olhos se abram para a luz e que todos os cérebros pensem e raciocinem por conta própria. Quer que avancemos a passo de gigante para a sociedade ideal onde não houverão pobres nem ricos, explorados nem exploradores, mandões e mandados, parasitas e trabalhadores, mas apenas isto: — Irmãos que mutuamente se auxiliem.

É só por isto que os perseguem, que os maltratam, que os prendem. A nobreza saída do meio das ceiras dos figos, junta à outra nobreza saída do lupanar ou dos covis dos saltadores, não admite, por principio nenhum, que tais homens dêem expansão às suas ideas. Por isso procuram manter de pé a moral reinante, a moral da desigualdade, para poderem viver faustosamente, enquanto o maior número se debate crucialmente com a miséria, a fome e a desolação.

Apesar de tudo, porém, não arranjarão vida. A evolução segue o seu curso. E de cada mártir que cai nas malhas bambas dos códigos policiescos, surgem logo dezenas e dezenas a ocupar-lhe o posto. A História não mente. O que prova que a Anarquia é mais forte, mais indomável, mais pujante que todas as ideas dos seus adversários. A Anarquia é a felicidade, é a alegria, é o bem estar. E o homem para conquistar tudo isso não teme coisa nenhuma.

Portanto, matulazes a soldo dos nobres e dos governos, persegui a vontade os agitadores. Prendei, encarcerai, assassinai: ser-vos há impossivel deter a marcha das ideas, como impossivel vos, é pôr um dique à corrente caudalosa dum rio... Mas tende, também, os vossos cuidados — é que, às vezes, pode haver um ajuste de contas. E se a benevolência dos Apóstolos se transforma na ira dos Carrascos, pode suceder que pagueis tudo junto, dum assentada...

PEDRO GUIMARÃES.

### HÁJA VERGONHA!

Quando no dia 1.º de Maio o operariado se preparava para reunir na séde da U. S. O. foram encontrar uma das salas repleta de mobilia da Cooperativa dos Carpinteiros e um operário polldor de boneca em punho a dar-lhe que dar-lhe com toda a canceira...

Protestaram indignadamente os assistentes, contra o facto, protesto que levou o amarelo a abandonar o trabalho, e pouco faltou para que o mobiliário viesse escacar-se na rua afim de atestar aos sociaiteiros dirigentes da cooperativa, que não é impunemente que se desrespeitam as resoluções do operariado organizado.

Bom será que os socios-cooperativistas sejam de futuro mais corretos afim de não fazerem esgotar a prudência que desta vez tão providencialmente lhes valeu...

### LEIAM

## A minha defesa

— POR

JORGE ETIEVANT

Preço, 50 reis

## A REVOLUÇÃO SOCIAL E O SENTIMENTO RELIGIOSO

É preciso não esquecer, que a questão religiosa, é um dos aspectos do grande problema que agita o mundo: o da transformação social.

Na tremenda guerra ferida contra as formulas vigentes da familia, da propriedade, e do Estado, estas demoronas vertiginosamente, como muralhas velharentas, de seculares castellos. Outro tanto, é licito confessar, não sucede com os preconceitos de natureza religiosa. Com o decorrer dos tempos, caminhando, sempre, de encontro à liberdade tam desejada, conseguiu-se romper certas formulas codificadas, sem se poderem expurgar o homem do jugo religioso.

Conquistou-se a liberdade de pensar. É inegavel! O certo é que tal conquista não passa dum apanagio legislativo. Ela é insufficiente para modificar costumes e hábitos, tam inveterados pela hereditariedade supersticiosa, atreita a castigos e recompensas divinas, aos temores da ideia misteriosa dum Deus invisível e incompreensível. A ideia religiosa está tam arraigada, que não é raro vermos individuos, com verniz de civilização, e mesmo dum larga cultura, que, pelo efeito da sua fraqueza racional, se sentem embaraçados e inferiores, em presença de certas emoções inexplicaveis, da crença nos poderes sobrenaturais. E, por vezes, se manifesta tam poderoso este movimento, que, verdadeiros ateus, se bem que não façam rézas, sacrificios ou pro-

messas, não podem furtar-se à influência dum terror supersticioso, dum vontade invisível, dum forma desconhecida.

A religiosidade é uma crença tradicional, que razões históricas, fisiológicas e psicológicas, torçaram um hábito inerente às condições humanas. Assenta na mentira e na hipocrisia e delas se tem aproveitado os dominadores do povos, para, indignamente, conservarem os homens na ignorancia e na servidão. Ora, cavando-se a ruína do edificio social, decadente, em que vivemos, será um crime monstruoso não se apontar a mentira religiosa, que corrompe e desmoraliza. O mesmo será, procedendo assim com o padre, que, nas formas caóticas dum culto, entre aleivosias e ameaças sacrilegas, ensina credences estupidas e embustes malevolos.

Não se pode duvidar dos resultados evidentes das observações scientificas. Não demonstram elas, não provam mesmo, os fenómenos do mundo, baseados nas leis naturais, que estão tão opostos à idolologia religiosa, concebida pelo pensamento rude e acanhado do homem primitivo? Assim, sob a hipotese dum vontade, que assenta na actividade intelectual da humanidade consciente, deve-se combater, sucessivamente, a influência morbida do espirito religioso, cuja tradição e costumes são o maior estorvo para a libertação do homem.

TÉRCIO TURDETIÃO

### A BURGUESIA AGONISANTE

A hora que passa, se não é para sobressaltos e pesadelos tenebrosos, também não é para festas prematuras. Há muito em que pensar. A burguesia, essa, poderá, já agora, pensar, desolada, agitada, na sua destituição, no seu destronamento, no apagar ruinoso, que terá de sofrer, do alto do seu pedestal dourado em que indevidamente se alcandorou. Será o povo armado, em massa e sublevado, que lhe fará cumprir inexoravelmente a sentença correspondente à celebre lei de Talião.

Amor com amor se paga...

Essa burguesia tóla, sem honra e sem cultura que para aí se estadeia, a despeito de ter frequentado catedras e escolas superiores, onde aprendeu muita e muita asneira, ou tra coisa não podia esperar senão a marcha dos proletários para a Revolução Social — visto que foi ela própria, que, com a sua inconsciência e requintada malvadez deu ensejo a que o pensamento humano se agitasse. Agora já é tarde para voltar ao principio e trilhar outro caminho.

Segundo um velho ditado ninguém faça mal esperando, que, como recompensa, lhe venha o bem. E a burguesia, desde o seu principio, nada mais tem feito que não seja o mal.

A burguesia é sanguinária, é cruel, é desumnaa. A burguesia não tem razão de existir, pois que contem em si os germens de todas as dôres, de todas as lágrimas, de todos os lutos. A burguesia é uma hiena insaciável de sangue e carne humana. A burguesia é a mãe comum e idolatrada de todos os crimes, fonte perene de todas as tiranias, causa basililar das ambições mais comensinhas e dos odios mais tórvos e virulentos. A burguesia é um cáustico. A burguesia tenta gangrenar a humanidade inteira. A burguesia deve morrer como classe. E morrerá...

Passando em revista o passado, como análise retrospectiva,

### COMPRAI A COMUNA

nos seguintes locais:

#### LISBOA

- Barbearia Almeida — Rua do Possolo, 50.
- Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 38.
- Tabacaria Barbosa — Rua do Carmo, 67.
- Quiosque de Alcantara — Largo de Alcantara.
- Rosa & C.ta — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.
- Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.
- Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politécnica, 84.
- Tabacaria Pina — Travessa da Bica, aos Anjos, 14 J.
- Tabacaria Ideal — Rua dos Correiros, 211.
- Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.
- Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.
- Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.
- Tabacaria Vouga — Rua do Rato.
- A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.
- Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

#### PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

#### SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

#### SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

#### VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

va, havemos de convir que é chegada a era dos povos pensarem a valer na sua misera situação económica, e procurem emancipar-se da tutela que os escravisa e oprime. — Como? — perguntarão. Muito simplesmente — estudando e educando-se, nos seus principios da Anarquia.

Porque, fora d'elles, não há felicidade possível.

ABEL S. DE PAIVA.



TRIBUNA LIVRE

PELA SOBERANIA DO TRABALHO

A LUZ VEM DA ITÁLIA

A luta social na Itália tem uma notável tendência em re-vestir formas anarquistas.

Sob o agulhão das necessi- dades instantes os operários das cidades e das aldeias com- preenderam que, a novo tempo, correspondem novos pro- pios de emancipação.

Os da terra apoderam-se das grandes propriedades geralmente abandonadas pelos seus pro- prietários legítimos, quase sem- pre em pouso, simples pasta- gem ou terras de caça, e tra- gam imediatamente de arrotear, fazer e cultivar um solo apto a produzir cereais.

Os da fábrica, em vez de fa- zer greve, como até aqui, por questões de salário, em vez de abandonar as oficinas e a fer- ramenta não renegam a sua qualidade de trabalhadores e, com toda a dignidade que elas lhes confere, levam os capita- listas a reconhecer a soberania do trabalho, escolhendo eles próprios os seus técnicos, os seus orientadores, e põem as máquinas a trabalhar como se fossem deles.

E' belo e é grande! E' bem mais racional do que a greve dos braços cruzados, as manifestações tumultuosas d' rua, os comícios, os corte- jões, as delegações, etc.

E' ipso facto a revolução eco- nómica realizando-se sem bar- ricadas, sem teatro, sem dis- cursos, sem messias.

E a terra continua a girar. A terra produz o trigo em vez de erva daninha. A máquina trabalha para o operário e não o operário para a máquina.

Os metodos novos de liber- tação praticados pelo proletari- ado da Itália procedem, evi- dentemente, duma ideia muito simples contida inteiramente no velho refrain:

Operário, apodera-te da má- quina! Apodera-te da terra, campon- ês!

E' a simplicidade do ovo de Colombo aplicada á Revolução. E nós sabemos que as ideias mais simples, já não digo as mais simplistas, tem sido em todos os tempos as mais sub- versivas. As mais complexas, as mais «científicas», tem sido, muito ao contrário, as mais inofensivas.

Vêde, por exemplo, o Marxismo! A sua pretensão dog- mática é formidável, catastro- fica. Mas na realidade só serve para alimentar doutrinari- mente os Partidos d' adaptação democrática, demagógica e bur- guêsa, infinitamente tonaliza- dos quanto ás pessoas que constituem os seus estados- maiores, nas fundamentalmen- te pobres em energias de acção. Considerai que o leninismo vio- la o ortodoxo marxista e que, na sua fase pre-ditatorial, era essencialmente anarquista, essen- cialmente simples e subver- sivo. A «sciencia marxista» só recuperou os seus direitos depois da escamoteação do mo- vimento libertário, e da criação duma autoridade superior e exterior á propria Revolução.

A diferença mantem-se, enorme, entre o advento do Bolche- vismo e a aurora social que desponta na Itália. Entre Mala- testa e Trotsky há a opposição do dia e da noite. Um todo bondade radiante (relei o retra- to que dêle faz Krapotkine no *Em volta duma vida*), o outro, ditadura implacável, que no alto do Poder se recorda das humilhações e das misérias pas- sadas...

Dois homens, duas culturas, duas tradições, dois movimen- tos sociais diferentes. O ope- rário russo soviético e mecani- zado suporta a autoridade técnico-política dum Partido, d' Estado; o camponês russo, ontem moujik, apossa-se individualmente da terra do

boyardo, repudia o comunismo verdadeiro e é preciso, para garantir o abastecimento dos grandes centros que as «colu- nas infernais» vão desencantar o trigo nos celeiros e nos silos, não sem prejuizos para os novos proprietários.

Na Itália a exploração comu- nista dos campos e das fábri- cas inspira-se visivelmente no ideal Krapotkiniano que é o de Malatesta, que é o que quero- mos fazer prevalecer.

E' o que faz o interesse su- perior deste movimento. O que no-lo torna tão simpáti- co, tão profundamente atraente.

\*\*\*

Devemos dizer que a feuda- lidade territorial e industrial não aceita benevolmente as medidas de expropriação no interesse comum, de que é ví- tima aqui e acolá e que, em regra, torna precária a sua exis- tência! Julga ver já brilhar o *Mané, Thecel Phares* bíblico. Apela para os poderes de res- pessão e de coacção do Estado, cujo papel histórico é salvar a propriedade!

Os gendarmes põem-se em marcha para expulsar os cam- poneses das terras e retomar aos operários os instrumentos e as máquinas.

Expulsam-nos em nome da ordem e reintegram o proprie- tário legítimo, o «proprietário de direito divino» na posse de seus bens e privilégios. Acontece até, ás vezes, que o Estado nacionaliza a terra ou a fábrica que os seus pretorianos retoma- ram aos trabalhadores e cujos proprietários afectam um certo desinteresse receosos pelo futuro.

Mas se, num centro, dez fá- bricas passam para as mãos dos trabalhadores e numa região, mil fábricas se tornam em coisa social, se os ferro- viários estão senhores do rail, os dockistas dos portos, se em toda a extensão do territorio os camponeses se apoderam da terra, o Estado é absolutamente dominado. Não tem nú- mero suficiente de esbirros e de soldados para «manter a ordem» para proceder a expul- sões e a reintegrações. O seu papel findou. Resta-lhe apenas um recurso: nacionalizar, isto é aliar-se á nova ordem de coisas e dar uma anção legal perfeitamente superflua, a um estado de facto em que se funda d'oravante o Direito novo.

A Revolução económica com- pleta-se então muito natural- mente com uma Revolução pó- litica que se não limita ás fór- mas superficiais do Estado mas modifica profundamente o con- juncto das instituições; arrazando, suprimindo, corrigindo, fazendo penetrar o ar da liber- dade onde só reinam as trevas e os fantasmas da autoridade.

Notemos que um tal enca- deamento de factos não dá lugar a nenhum romantismo insurreccional. O pragmatismo mais metódico, preside ás mais vastas transformações. Não há motivo para perder-se o sangue frio, não se dão exalta- ções, nem é possível ouvirem- se os oradores de encruzilha- da. Em principio, não devia correr uma só gota de sangue, excepto o das grandes feras que têm contas a dar á justi- ça do povo. Em principio, igualmente, o successo dum tal movimento está garantido pela irreductível consciência das massas.

O esforço dos nossos cama- radas de Itália procura genera- lizar todos os movimentos lo- cais. Isto prova bem que eles têm uma visão muito clara das contingências revolucioná- rias e que o seu objectivo não é pôr em cheque momentanea- mente a autoridade governa- mental.

RELEMBRANDO

... Não, não me fulem em ditaduras nem em governos de repressão! Quando fui gover- nador da Guiné, apareceram-me lá, um dia, cem homens man- dados pelo governo. E com eles uma simples lista de no- mes sem a minima indicação de crimes. Nada. Era gente que o governo me mandava e de que se queria desfazer. Que lhe havia de fazer? Sen- tei-lhes praça, e desses crimi- nosos, aos quais nunca tive ocasião de aplicar um castigo, seis meses depois tinham mor- rido cinquenta, de febres...

JUDICE BICKER.

Antigo governador da Guiné e actual ministro das colo- nias

Vemo-los proclamar a união estreita de todos os trabalha- dores sem distincção de filoso- fia ou de religião: «E's trabalha- dor? O teu interesse é o nosso. Deves querer o que nós queremos. E's um revolucio- nário entre revolucionários».

E' o pensamento de Prou- dhon, de Bakounine, de Caffo- ro; a emancipação do traba- lho deve determinar necessa- riamente o parentesco dos espiri- tos e dos corações, a purifica- ção e a elevação dos costum- es.

Julgamos poder dizer que a revolução de baixo atingiu na Itália um grau de desenvolvi- mento e de generalização que lhe assegura uma influencia predominante e doradoura no movimento social.

Os Partidos são postos de parte. Os políticos do Parla- mento são meros fenómenos de museu. Muitos deles, já só figuram nas assembleias bur- guêsas como motivo de troça.

A opposição mais perigosa vem dos políticos de organi- zações que se vêm todos os dias excluidos da órbita de acção e que, tendo sonhado com a ditadura, não se resi- gnam ao papel subalterno e apagado que os acontecimen- tos lhes reservam. Não calam um instante os seus improperios e invectivas e não ha pro- cessos caluniosos que cheguem para elles hostilizarem as «mi- norias indisciplinaes que com- prometem a acção proletária».

E' de prevêr, todavia que, dentro de pouco tempo, o mo- numento das massas será suficientemente poderoso para passar por cima desses protes- tos ditados por um espirito fundamentalmente conservador.

Somos racionalmente levados a interpretar acontecimentos tais como a posse das fábricas e a sua expropriação como manifestações características duma mentalidade operária que atin- giu o *sumum* da intelligência revolucionária, dadas as condi- ções presentes. O proletariado italiano parece-nos pronto para a revolução. Trata, em todo o caso, de materializar a ideia, e quanto mais se desenrolar a cadeia dos acontecimentos mais viva e comovida será a nossa emoção ao ver surgir das rui- nas do capitalismo, um mundo novo.

Só depende das resistencias estatísticas transformarem-se os movimentos das aldeias em *jacqueries* e os movimentos das cidades em insurreições.

Seja como for, o problema social apresenta-se no terreno das realidades, não nitidamente que a solução transparece lu- minosamente. Por isso temos razão ao dizer que a luz vem da Itália.

RHILLON.

Lêde e propagai a

Bandeira Vermelha

... Semandrio Comunista ...

ARTE & ARTISTAS

O FATO NOVO DO REI

Era uma vez um rei que gos- tava tanto de roupas novas, que empregava em se vestir todo o dinheiro que tinha.

Se passava revista aos seus soldados, se parecia nos espe- ctáculos ou passeios publicos, não tinha outro fim em vista que não fosse mostrar como ia vestido. Era um fato para cada hora do dia; de maneira que assim como é costume dizer-se de qualquer rei: «Sua magestade está em conselho de ministros, a respeito deste di- zia-se: «Sua magestade está no seu guardar-roupa».

A capital, em que elle vivia, era uma cidade alegre, princi- palmente pelo grande numero de estrangeiros que ali con- corriam. Um dia chegaram áquella cidade dois impostores que se anunciaram como tecelões, dizendo que sabiam tezer um pano como nunca vira. Era um estôfo novo, não só pela beleza das cores e do desenho, mas sobretudo porque tinha a maravilhosa qualidade de se tornar invisivel para quem não exercesse, como devia, o seu emprego, ou fosse demastada- mente estúpido.

—Uma roupa desse pano deve ser impagavel — disse com- sigo o rei: — por meio dela chegarei a conhecer quais são os homens incapazes do meu reino, e poderei distinguir os in- telligentes dos estúpidos. Um fato assim é uma coisa indiz- pensavel. — Em seg'ida man- dou adiantar aos homens muito dinheiro para poderem de- de logo dar começo á obra.

Os aventureiros armaram efec- tivamente dois teares e poze- ram-se a fingir que trabalha- vam, embora nas lançadeiras não houvesse nem sombra de fiado. A cada passo estavam a pedir sêda da mais fina e ou- tro do melhor quilate, que iam ensacando, sem todavia deixa- rem de trabalhar nos teares va- zios até alta noite.

Passado algum tempo, lem- brou-se o rei de sair para ver em que altura ia o artefacto. Sentiu-se, porém, sérismente embaraçado, quando se recor- dou de que o estôfo não podia ser visto por quem fosse tolo ou não exercesse condignamen- te o seu mister. Não era porque duvidasse de si; em todo o caso achou prudente, pelo sim, pelo não, mandar adiante al- guém que examinasse o estôfo. Toda a cidade sabia da quali- dade maravilhosa que elle ti- nha; cada um estava ansioso por saber se o seu vizinho era idiota ou inhabil.

— Vou mandar o meu velho e honrado ministro, — disse com- sigo o rei. — Ninguém, como elle, para avaliar a obra, por- que além de ser um homem fino, é irreprehensivel no desem- penho das suas funções.

O ministro entrou na sala on- de trabalhavam os dois impostores, e arregalando muito os olhos, disse de si para si: — Meu Deus, não vejo nada! — Mas, nem palavra. Os dois tecelões pediram-lhe que se aproximasse, e perguntaram que tal achava o desenho, e se as cores eram ou não magnificas. Ao mesmo tempo apontavam-lhe para os teares, onde o velho ministro tinha os olhos pregados, mas onde não via nada, pela simples razão de não haver lá nada que vêr.

— Pois na realidade,erei eu também um asno? — pergun- tava elle a si mesmo.

— E' preciso que ninguém o suspeite. ¿Serei eu incapaz de exercer o meu cargo? Não! não darei a saber a ninguém que não vi o tecido.

— Então, que dizels? — per- guntou um dos tecelões.

— Admiravel, é uma coisa surpreendente! — respondeu o ministro, pondo os olhos. — Este desenho, estas cores... ou immediatamente participai ao rei que fiquei satisfeleitissimo.

— Isso é uma grande honra para nós, — disseram os dois tecelões, e começaram a chama- lhe a atenção sobre as cores e desenhos imaginários, nos quaes eles tinham o cuidado de ir dando um nome. O ministro ouviu atentamente, para repeti- diante do rei tudo quanto elles diziam.

Alguns dias depois o rei man- dou outro funcionario honesto examinar o estôfo e vêr se es- tava pronto. Aconteceu a este o que tinha acontecido já ao ministro: por mais que olhasse não via nada.

— Não é verdade que isto é um tecido admiravel? — per- guntavam os dois impostores, e iam mostrando as cores e de- senhos que não existiam.

— Pois eu não sou tolo! — pensava o homem. — Dar-se- ha o caso que eu não seja digno de exercer o meu emprego? Isso é singular; mas eu farei por o não perder. — E em segui- da elogiou muito o tecido, e

louvou sobretudo a escolha das cores e do desenho. Poi dizer ao rei que o estôfo era magni- fico, e dali a pouco não havia ninguém que não fallasse nel- le.

Por ultimo quiz o rei ir vê-lo pessoalmente; e quando estava já na no tear, acompanhado dum grande sequito de pessoas escolhidas, entre as quaes se encontravam os dois funciona- rios honestos, dirigiu-se ao lo- gar onde os dois trapaceiros continuavam a trabalhar com todo o cuidado, mas sem fio de sêda ou de ouro, nem espécie de fiado algum.

— Então não é excelente? — perguntaram os dois ministros. — O desenho e as cores são di- gnos de vossa magestade. — E apontavam para os teares va- zios, como se os outros pudes- sem vêr ai alguma coisa.

— Que é isto? — disse o con- sigo o rei — eu não vejo nada. ¿Acaso serei um imbecil? ¿Não serei digno de ser rei? Esta é a maior infelicidade que me podla acontecer. — Depois exclamou de repente: — Magni- fico! Declaro-me completa- mente satisfeito.

Abanou a cabeça em sinal de aprovação, e contemplou o tear sem se atrever a dizer a verda- de. Todos os do sequito con- templaram tambem, sem con- tado nada vêrem, e disseram com o rei: — E' magnifico! — Depois aconselharam-no que estresse o fato novo numa pro- cissão que devia sair dai a pou- co. — E' magnifico! admiravel! excelente! — diziam todos á uma; e a alegria era inde- critivel.

Os dois impostores foram con-decorados, e receberam o titulo de tecelões d' casa real. Na vespera da procissão trabalha- ram toda a noite á luz de deze- seis velas.

Afinal fingiram tirar a peça do tear; cortaram, no ar, com grandes tesouras; coseram com agulhas desenfiaadas, e depois de tudo isto disseram que es- tava pronto o fato.

Veio o rei em pessoa, acom- panhado dos seus ajudantes de campo, e os dois trapaceiros com os braços levantados como se segurasse alguma coisa, disseram: — Aqui tem vossa magestade a calça, a casaca e o manto. Tudo isto é leve co- mo uma tela de aranha. Ha-de parecer a vossa magestade que não traz nada sobre o corpo, mas é justamente nisto que está a principal qualidade do te- cido.

— E' verdade, — responderam os ajudantes de campo, mas sem nada vêrem.

Em seguida os tecelões pedi- ram ao rei que se collocasse deante dum espelho, a fim de lhe provarem o fato, e depois de o despirem todo, fingiram que lhe vestiam uma por uma as diferentes peças. O rei ia se mirando e remirando ao espe- lho.

— Que bem lhe fica! que bem talhado! — exclamavam todos os cortezãos. ¿Que desenhos! ¿E as cores? ¿E' um fato pre- cioso!

— Está lá fóra o pálio, deba- lho do qual vossa magestade tem de ir na procissão, — disse o mestre de cerimónias.

— Bom, eu estou pronto — res- pondeu o rei; — penso que assim não vou mal. — E viu-se ainda uma vez ao espelho, para contemplar o esplendor em que ia.

Os caudatarios apalparam o chão, como se quizessem levan- tar a cauda do manto, e cami- nharam com os braços estendi- dos como se segurasse algu- ma coisa, não querendo dar a entender que não viam nada.

Assim caminhava o rei deba- lho do magnifico pálio, e to- da a gente da rua e das janellas exclamava: — ¡Que santuoso vestido! ¡que bela cauda tem o manto! ¡o feito é irreprehen- sivel! — Ninguém queria dar a conhecer que não via nada, para não ser taxado de estúpido ou incapaz de exercer o seu emprego. Nunca fato algum do rei tinha sido tanto na vista.

— Mas o rei vai nú; — gritou uma creancinha.

— Meu Deus! escutai a voz da innocencia! — disse o pai.

Imediatamente correu por to- da a multidão, que uma crean- ça dissera que o rei ia nú; e afinal exclamaram todos á uma: — O rei vai nú!

Este sentiu-se extremamente mortificado, porque lhe pare- cia que tinham razão; mas cobrou animo e disse consigo: — Seja o que for, é indispensavel que eu fique até ao fim. — De- pois tomou uns ares ainda mais magestuosos, e os caudatarios continuaram a segurar, com to- do o respeito, a cauda que não existia.

ANDERSEN.

MEMORANDUM

BALANÇO POLITICO, SEMANAL

Liberdade, Igualdade e Fraternidade — O país trans- forma-se numa caserna. D. Quichote-Baptista arma em João Franco, e este sorri iróni- camente...

Timor muda-se para a Guiné e o 13 de Fevereiro commo- ra-se solenemente no republica- nissimo parlamento, em uma linda tarde de Abril.

Subsistências — Baratea- mento da vida. A falta de coisa melhor, a população vai- se habitando a viver do ar, unico genero de que ainda há abundancia e cujo preço desceu 40 p. c. para quem tem a felici- dade de andar á solta. Para ingles vêr prende-se um grosso comerciante acusado de envene- nador. Não vai, porém, para a Guiné, porque o envenenamento duma população é crime de pou- ca monta comparado com uma bomba de clorato...

Movimento politico — Es- camulosos que se abafam e dois ditados se confirmam: «Zan- gam-se as comadres e desco- brem-se as verdades». Os par- lamentares accusam-se mutua- mente de traficâncias e nego- ciantas, mas, recomsiderando, il- lumbam-se mutuamente de toda a culpa, porque, «tu que sabes e eu que sei, cala-te tu que eu me calarei».

O SR. GUEDES ADERE...

Não falta ai quem suponha ser o sr. Guedes d'Oliveira adversário irreductivel dos tres oitos e outras reivindicações proletarianas.

Pois enganam-se. S. Ex.ª já transigiu. Transigiu e aderiu á paralisação de trabalho vota- da para o 1.º de Maio.

Assim se explica o facto de, no referido dia, não ser publi- cada no «Janeiro» a sua coti- diana crónica...

HARMONIAS POLITICO-SOCIAIS...

No Senado, ao discutir-se a «lei senclerada» o snr. ministro da justiça declarou, segundo os extratos das sessões parlamen- tares, publicados na imprensa diaria, «que defendia calorosa- mente a sua proposta, lamentan- do que tivesse de recorrer a uma lei de excepção, indispen- savel neste momento em que a anarquia pretende apossar-se de Portugal...»

No Primeiro de Janeiro de 28 do mês findo, vai o snr. Guedes d'Oliveira e pespega- nos com esta:

«... aquilo que aqui se pas- sa é coisa nenhuma ou muito pouco em relação áquilo que se passa noutros países de tradi- ções mais conservadoras e mais calmas do que as nossas, ou com motivos infinitamente me- nores do que aqueles que nós temos, para viverem inquietos. Digamos-lhes que a situação politica e social nos proprios formidaveis Estados Unidos é um exemplo lamentavel de desagregação e de instabilidade, quando os Estados Unidos pareciam ser o colosso maximo do equilibrio e da ordem. Digamos-lhes que a Inglaterra, a anti- tipática e suprema Inglaterra, se debate num estertor de angustia intima que se não pare- ce em nada com o que entre nós se passa. Digamos-lhes que a Espanha, a egoista, aque- la que nada sofreu e tudo gan- nhou com a guerra, duplicidade, gazolina, pesetas, cambio alto e ainda mais alta consideração dos arrematantes da Vitoria, vive numa inquietação horrivel e que, se a considerarmos bem, se compararmos a nossa vida interna com a que ella está atra- vessando, temos um saldo pa- radesiaco a nosso favor que só serve para nos ennobrecer.

E posto isto continuemos a tarefa e continuemo-la sem des- canço, porque a verdade é bem esta de que Portugal é o unico país do mundo que não precisa de nenhum outro para viver grande, prospero e feliz.»

O-ra vão lá entendá-los!...



# CONCEPÇÃO ANARQUISTA E REVOLUÇÃO RUSSA

A revolução russa que concitou todos os ódios daqueles que no mundo inteiro, subjagam, exploram e massacram os povos; que tem de se defender contra o capitalismo universal e todos os governos multicolores ligados para a esmagar, destaz os exércitos da Entente, resiste aos abomináveis efeitos dum duro bloqueio, e pela luz que projecta através dum nevoeiro artificial, leva o alento e a esperança a todos os desherdados conscientes que não poderam ainda seguir as pizadas dos seus irmãos moscovitas, e faz-lhes ver claramente que se uma revolução localisada triunfa até certo ponto, uma revolução mundial trará a vitória decisiva. E o exemplo anima-os a preparar a sua realização.

De facto, se a revolução russa, o terror de todos os que tem um colre forte, no logar do coração, é tão amaldiçoada e vilipendiada pelos turbariaes dos ricos e pelos sicofantias durpa imprensa sem vergonha, vendida ao que mais dá; jezuíticamente combatida pelos laicatos e homens para todo o serviço à jorna dos governantes, que pululam nas organizações e formam os quadros do partido socialista; se para todos os tiranos ela é o inimigo, que, a todo o transe, procuram esmagar; é para nós, todos os que não abdicam em face dos crimes de cima, até agora impunes, um incitamento à acção.

E, após tantos séculos de escravidão, o único movimento libertador sério, dum povo inteiro que devemos defender, imitar e ultrapassar.

Sim, ultrapassar! Certamente que devemos ao regimen dos soviets um grande reconhecimento pelo facto de terem rompido com as alianças do tzarismo, repudiando a guerra e conquistando a paz para cento e cincoenta milhões de seres humanos. Devemos aos seus chefes um grande reconhecimento por terem dado uma lição de sinceridade aos seus colegas socialistas ocidentais, concretizando no poder a doutrina que em toda a sua vida utteraram.

Mas o comunismo socialista é uma coisa e o comunismo anarquista é outra.

Digamo-lo com franqueza: amamos muito mais a república dos soviets por todo o ódio que ela inspira aos nossos governantes, do que pela sua própria obra. A sua obra que não satisfaz os anarquistas russos, tam pouco nos satisfaz a nós. Contudo, sempre defenitivamente calorosamente a revolução russa, e tentaremos todos os esforços para que os governos não possam realizar os criminosos intentos que os animam contra ela. Continuaremos a apresentar esta revolução como exemplo aos trabalhadores, como uma soberba revolta que deve secundar-se; mas continuaremos também a crer que ela não parará em meio do caminho e que os libertários russos a levarão às suas consequências lógicas e a encaminharão para o grande objectivo.

Assim como os nossos camaradas anarquistas russos, não querem neste momento, diminuir a força dos soviets e defendem contra as manobras e as baicnetas da Entente, o que já se conquistou; também nós não queremos criticar muito apaixonadamente as realizações dos maximalistas russos, vem fazendo o jogo dos ventres doirados que aquelles apavoram, perturbando-lhes a digestão.

Todavia, não deve o nosso silencio ser mal interpretado e considerado como uma aceitação dos principios do comunismo autoritário.

Não esqueçemos que o nosso

futuro está à porta, e uma vez demolido o pardieiro, teremos de proceder à nova construção. Quereríamos faz-la em boas condições, satisfazendo todos os moradores; é por isso que tomamos já as nossas precauções e fazemos todas as reservas acerca do edificio que estão levantando sobre as ruínas da autocracia russa.

As nossas teorias anarquistas, tam sólidamente alicerçadas, não foram levadas pelos acontecimentos. Sáem talvez mais fortalecidas das provas por que as fizeram passar; muito ao contrário, a sua energia apressou a falência do socialismo de Estado. Não é também o momento de aumentar o confusioismo que para ai vai, enquanto uns e outros, socialistas sinceros e socialistas de máscara, pretendem fazer-se passar por representantes dum comunismo abastardado. Seriamos culpados, muito culpados, dignos de sofrer amanhã a ditadura dum aventureiro se, dispondo de todas as vantagens, nós fizéssemos o sacrificio da menor parcela do nosso ideal.

Os anarquistas, em todos os tempos, combateram a miragem das revoluções politicas; e as da Alemanha e da Austria—captadas pelos politicos—demonstram mais uma vez a clareza das suas previsões. Se a revolução russa é popular é porque abandonou os caminhos trilhados do parlamentarismo para entrar, oh! bem timidamente, nos da acção directa. Quando ela o fizer a valer, quando deixar absolutamente de legislar, estará mais perto do seu objectivo normal. Mas, não nos iludamos: não contemos com os socialistas, mesmo leninistas, para a levarem a esse ponto.

Hoje, mais do que nunca, que uma reforma da actual sociedade é impossível, pensamos em que uma revolução deve destruir tudo o que possa ser mais tarde uma causa de corrupção, de divisão e de opressão.

Após a sua passagem, a propriedade privada, deve findar; o poder não deve ser conquistado mas sim abolido, assim como todas as outras formas da autoridade.

Enfim, o comunismo, na verdadeira acepção da palavra, deve existir; os individuos devem ser livres na sociedade livre.

Bem sabemos que ao principio não deveremos viver em pleno Eden sonhado. Será um pouco cáptica, a nossa sociedade anarquista, em começo. Mas, assim mesmo muito preferível a uma sociedade colectivista com as suas desigualdades regulamentadas, os seus governos, as suas leis, a sua coacção.

Nós confiamos nos homens. Sabemos que eles são o producto do meio e que, sob a influencia dos acontecimentos que esperamos e sob o regimen equitativo que havemos de estabelecer, a sua mentalidade ha-de modificar-se em proveito seu e nosso.

O que é preciso é que o nosso comunismo suceda ao actual estado de coisas, e que evitemos a transição que alguns sem razão plausivel, julgam necessária.

Em certos meios, eguaes aos nossos, reconhecem-nos um bom espirito critico, boas qualidades de demolidores; mas duvida-se da nossa capacidade reconstructiva sob o pretexto da nossa falta de organização.

Ha um pouco de verdade neste último ponto. Por isso mesmo fazemos os mais calorosos apêlos no sentido de se coordenarem os nossos esforços, lembrando aos camaradas a necessidade imperiosa de se prepararem com método e continuidade.

# I.º DE MAIO

Realizam-se como preria-mos as manifestações organizadas pela U. S. O. e pelos diversos Sindicatos operários.

No grande dia consagrado à fraternidade operária internacional e de protesto contra as iniquidades sociais, o operariado do Porto, Matozinhos e Leça, bem como os trabalhadores de Vila Nova de Gaia, tudo abandonou o trabalho.

O Pessoal da Companhia Carris tambem não compareceu ao serviço paralizzando o movimento por completo apesar do «Comercio do Porto», afixar placards, garantindo ao publico que no dia 1.º de Maio os carros circulariam—talvez fidos na força dos amarelos? mas estes tiveram um gesto nobre e fraternizaram com o antigo pessoal, e foram unânimes no abandono do trabalho.

E' assim mesmo que se procede.

Os operários das oficinas dos caminhos de ferro do Minho e Douro, em Campanhã, tambem não compareceram ao trabalho vindo engrossar as manifestações que se realizaram.

## AS MANIFESTAÇÕES

Em 15 horas o já o Largo do Bom Jardim estava repleto de trabalhadores que adunam de todos os lados acompanhados das suas bandeiras sindicais.

As 15,30 a comissão da U. S. O. indica o desfile da manifestação que segue através das ruas em grandes aclamações fraternais e protestos contra todas as iniquidades sociais, a caminho da alameda das Fontainhas, local onde se efectuou o comicio monstro, abrindo o desfile a Juventude Sindicalista, com o seu estandarte rubro desfraldado ao vento.

A sua passagem pela cadeia foram vibrantes as aclamações e protestos ao defrontarem-se com as vítimas por questões sociais que assumaram nesse momento as grades daquele horrivel cazarão.

## NO COMICIO

Logo que a manifestação deu entrada na alameda das Fontainhas, deu-se começo ao comicio, assumindo a presidencia o camarada Armando Cardoso, que teve como secretarios Carlos de Souza e Manuel Pereira Braga.

O camarada presidente abriu o comicio, referindo-se à data que o povo trabalhador de todo o mundo comemorava e em seguida concedeu a palavra aos camaradas Manuel Pereira Braga, Serafim Cardoso Lucena, estudante José Martins, Domingos Pereira, Victor Martins, de Lisboa; e Luiz Antonio de Carvalho, abordando os tradores os problemas da emancipação do operariado e das reivindicações sociais e a questão económica.

Após os discursos, alguns muito energicos e que valeram aos oradores fortes aplausos, foram votadas por aclamação as moções que, por terem sido publicadas em todos os diarios do Norte e, tambem, na imprensa operária, nos dispensamos de publicar atenta a falta de espaço em que lutemos, o que, de certo, nos será perdido.

Em todo o caso, os anarquistas não esquecerão nunca que depende d'elles, da sua attitude firme e nitida, a garantia da felicidade no mundo. Poderão, antes que os possuidores das riquezas perpetrarem o assassinato de vinte milhões de homens, militar teóricamente: tinham a desculpa de não ver levantar-se a aurora dos tempos novos.

Hoje não é assim: o presente marcha a passos de gigante para o futuro que pertencerá aos mais energicos. Não tenhamos dúvidas. E mesmo que circunstâncias imprevistas, impeçam momentaneamente o caminho ao nosso

Seguidamente o comicio foi encerrado, debandando a multidão na melhor ordem.

\*\*\*

No final do comicio houve apenas uma nota discordante com a liberdade dos individuos, que foi a prisão do nosso camarada Victor Martins, prisão essa levada a efeito pela policia de segurança do tacho, seguindo no mesmo dia para Lisboa sob prisão, com o cognome de agitador. Triste realidade, pois que os verdadeiros agitadores continuam acobertados pelas leis dentro dos balcões e nos pinaculos da governança gozando da melhor das liberdades.

## QUETES

O Sindicato Unico Metalurgico do Porto abriu uma quete no dia 1.º de Maio, que rendeu a quantia de 60\$00, sendo esta importância assim dividida:

Para os presos por questões sociais . . . 30\$50  
Para «A Batalha» . . . 10\$00  
Para «A Comuna» . . . 10\$00  
Para «A Bandeira Vermelha» . . . 5\$00

60\$00

Tambem a Juventude Sindicalista do Porto tirou outra quete que deu o seguinte resultado: 25\$71, sendo distribuidos da seguinte maneira:

Para o «Despertar» . . . 8\$57  
Para «A Batalha» . . . 8\$07  
Para os presos por questões sociais . . . 8\$07

25\$71

## NO SINDICATO UNICO METALURGICO DO PORTO

Na sede deste Sindicato realizou-se as 10 horas uma sessão solene e de propaganda sindical, comemorativa desta data revolucionaria que foi muito concorrida e cheia de entusiasmo discursando os camaradas Antonio d'Aguiar, Luis de Matos, delegado da Juventude Simulcanista, Pereira Braga, Mario T. de Carvalho, Antonio R. dos Santos, Cactano Rainha, Raul da Silva e Leopoldo Mota que fizeram uma bela sementeira dos ideais de emancipação social, sendo todos unânimes em que a transformação radical da sociedade está para muito breve, aconselhando que todos os productores se organizem e se preparem de modo a tornar o mais perfeita possivel a Revolução emancipadora que se avizinha.

Durante a sessão foi tirada uma quete em auxilio da Batalha que rendeu 8\$62,5.

## FOVOA DO VARZIM E VILA DO CONDE

Nestas localidades decorreu cheia de entusiasmo a comemoração do 1.º de Maio. As onze horas da manhã realizou-se uma sessão solene na sala da União dos Sindicatos da Povoia de Varzim estando a sala e demais gabinetes—apinhados de camaradas aos quais se fez a propaganda do ideal anarquista para se conseguir a completa emancipação do pro-

comunismo e nos imponham a etape do colectivismo, não desanimemos. Pelo contrario!

Diga-se o que se disser, a anarquia tornar-se há um dia realidade. Se não fór para nós, será para outros. Os que conhecerem essa alegria ha-de reconhecer os nossos esforços como nós hoje faríamos aos nossos predecessores na vida, se elles nos tivessem legado uma herança menos dura, de misérias e de dores, e nos tivessem evitado a carnificina maior de que resa a história que é feita de crimes, de sangue e de lama.

L. L.

# A COMUNA

O excelente acolhimento que teve o nosso primeiro numero, cuja edição se esgotou por completo, anima-nos cada vez mais a continuar o nosso empreendimento: a publicação diária de A COMUNA.

São numerosas as cartas de aplauso e incitamento que temos recebido, algumas delas acompanhadas de quantias mais ou menos importantes. Muitos tem sido tambem os pedidos de listas de subscrição para diversas terras do Pais, o que prova que a nossa iniciativa calou fundo no intimo dos trabalhadores conscientes de Portugal.

Aos camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração, a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Subscrição aberta entre camaradas residentes na America para a compra de uma máquina de impressão

Lista n.º 20		New Bedford, Mass	
Transporte . . . 626\$75		Transporte . . . 1'037\$62	
Entregue por Mateus R. Vieira:			
Rodrigo Mendes . . .	\$50	Manuel Santos . . .	\$53
Artur G. França . . .	1\$00	Frederico A. Antonio . . .	1\$00
Joaquim Antonio . . .	2\$00	Sebastião Viegas . . .	\$53
Manoel Teixeira . . .	2\$00	Manuel S. Coelho . . .	1\$06
Paulo L. Carvalho . . .	2\$00	João Abrantes . . .	2\$13
Francisco J. Martins . . .	2\$00	Fernando Viegas . . .	2\$13
Antonio da Costa . . .	2\$00	Antonio C. Amaral . . .	2\$13
José de Lemos . . .	2\$00	João Ribeiro . . .	2\$13
Manoel Vieira . . .	2\$00	Domingos Costa . . .	1\$06
Manoel F. da Silva . . .	2\$00	José Pereira . . .	\$53
Jorge T. dos Santos . . .	2\$00	Manuel J. Machado . . .	\$53
Alberto A. de Castro . . .	2\$00	Manuel Carreira . . .	\$53
Manoel Ferreira . . .	2\$00	Manoel Clemente . . .	\$53
Adeino Guedes . . .	2\$00	João Cabral . . .	\$53
Emilio Pires . . .	2\$00	Manoel Augusto . . .	\$63
Manoel P. Soares . . .	2\$00	Jacinto C. Braga . . .	1\$06
Manoel de Sousa . . .	2\$00	Manoel B. Garcia . . .	\$53
Manoel E. Costa . . .	2\$00	Marcelino J. da Ponte . . .	\$53
Artur de Ferreira . . .	2\$00	Manoel F. Cabral . . .	1\$06
Miguel de Moura . . .	2\$00	José S. Rodrigues . . .	\$53
Augusto Teixeira . . .	2\$00	João Pereira . . .	\$53
Casimiro da Silva . . .	2\$00	Carolina Gomes . . .	\$53
José Pinto de Sousa . . .	2\$00	João Camara . . .	1\$00
Domingos S. Gandara . . .	2\$00	Jacinto Soares . . .	\$53
Afonso N. Ribeiro . . .	2\$00	Manoel Simas . . .	1\$06
Francisco Monteiro . . .	2\$00	Ana J. Gomes . . .	\$53
Antonio P. de Matos . . .	2\$00	Antibal R. Polónio . . .	\$53
Luiz Gonçalves . . .	2\$00	José Bento . . .	2\$13
David L. d'Oliveira . . .	2\$00	Pedro E. Peive . . .	\$53
Francisco Pereira . . .	2\$00	Heitor Pina . . .	3\$19
Salvador Gonçalves . . .	2\$00	Henrique Almeida . . .	1\$06
Francisco de Freitas . . .	2\$00	J. Rocas . . .	\$53
Joaquim Pereira . . .	2\$00	Pedro dos Santos . . .	\$53
Joaquim F. Povoas . . .	2\$00	Manoel Conceição . . .	\$53
Frederico M. Santos . . .	2\$00	Antonio S. Almeida . . .	4\$26
Manoel F. Pinto . . .	2\$00	J. M. Gonçalves . . .	1\$06
Adauto R. Ferreira . . .	2\$00	Manoel Espindola . . .	\$53
Joaquim F. da Silva . . .	2\$00	Joaquim do O' Amaral . . .	1\$06
Adeino V. Mesquita . . .	2\$00	João R. Vital . . .	1\$06
Alfredo R. Silva . . .	2\$00	Piedade dos Anjos . . .	\$53
Augusto Almeida . . .	2\$00	Joaquim Ferreira . . .	19\$65
Camilo M. Costa . . .	2\$00	Manoel Nunes . . .	19\$17
Salvador Soares . . .	2\$00	J. M. Medeiros . . .	4\$70
Manoel G. Alegria . . .	2\$00	J. M. Fernandes . . .	10\$65
José Leites . . .	2\$00	M. S. Chicharo . . .	10\$65
Joaquim Reis . . .	2\$00	José da S. Afonso . . .	14\$25
José F. dos Santos . . .	2\$00	João Sousa . . .	2\$13
Rodrigo F. Barbosa . . .	2\$00	João Fernandes . . .	\$53
Adeino Ribeiro . . .	2\$00	Maria L. Guerra . . .	9\$53
Joaquim E. Costa . . .	2\$00	Augusto Coelho . . .	1\$06
Victorino F. Leite . . .	2\$00	José Farias . . .	\$53
		João Gonçalves . . .	\$53
		Antonio Manis . . .	2\$13
		João M. Ferreira . . .	1\$06
		M. Gonçalves . . .	1\$59
		João de Deus . . .	4\$-6
		João Varela . . .	2\$13
		James Lopes . . .	\$53
		João Fernandes . . .	2\$13
		Augusto Santos . . .	\$35
		Ana Sousa . . .	2\$13
		Manoel Carlos . . .	1\$06
		José de S. Nunes . . .	2\$13
		Eduardo Neves . . .	2\$13
		Manoel L. Rosa . . .	\$53

15\$55

## Lista n.º 3 (Redacção)

Antonio L. Pinheiro (Porto) . . .	5\$00
José Francisco (Porto) . . .	2\$50
Henrique A. Barreto . . .	2\$50
José Sanches (Lisboa) . . .	5\$00
Joaquim J. Ferreira (Penafiel) . . .	1\$00
José A. de Sousa (Lisboa) . . .	\$50
Jorge «Oculista» (Porto) . . .	\$26
A. d'Amida (Porto) . . .	\$25
Quete tirada pelo S. U. Metalurgico no comicio do 1.º de Maio . . .	10\$00
Joaquim F. Almeida (Porto) . . .	1\$60
Cactano J. Pires (Beja) . . .	1\$40
Quete tirada na Povoia e V. do Conde no dia 1.º de Maio . . .	4\$00
R. Chamusca (Cintra) . . .	1\$00
Firmino José (Porto) . . .	1\$50
J. Pacheco (Porto) . . .	1\$50
Francisco M. Sarmiento (S. Tomé) . . .	2\$00
	37\$43

A transportar . . . 679\$73

(Continúa)

paganda social. O Orfeon social da Povoia cantou a Internacional e depois falaram Eduardo Correia, J. G. Pereira, Reinaldo Vieira e Costa Carvalho os quais explicaram ao povo as causas do seu mal estar, aconselhando-os a instruir-se e a propagar a imprensa operaria para despertar aqueles que ainda desconhecem os direitos que lhe assistem como productores de toda a riqueza social.

No fim foi cantado pelo «Orfeon» o hino de «A Batalha o a Internacional» sendo muito aplaudido pela numerosa assistencia.

A transportar . . . 1.185\$72

(Continúa)